
SANTIDADE MANCHADA: A “CRISE DOS PADRES” NA CIDADE DO CRATO NA DÉCADA DE 1960

Maria Arleilma Ferreira de Sousa
Professora do Departamento de História
Universidade Regional do Cariri – URCA
E-Mail: arleilmasousa@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O Cariri cearense se destaca pelo seu forte catolicismo impregnado ao longo dos tempos. Na instituição Católica se observa a prática do celibato religioso. As discussões em relação à obrigatoriedade do celibato vêm sendo debatida pela ala liberal do clero que tem como objetivo a implantação do celibato opcional e não obrigatório. A instauração do celibato consagrado passou por vários Concílios desde o de Nicéia em 325 d.C. até sua definição no Concílio de Trento em 545, onde o não cumprimento da prática do celibato incorria até em excomunhão (Revista Ultimato, <http://www.ultimato.com.br>). A igreja Católica possui uma ala conservadora com raízes profundas. Entretanto, no Concílio Ecumênico do Vaticano II, inaugurado em 11 de outubro de 1962 pelo Papa João XXIII, e findado em 08 de dezembro de 1965, já no papado de Paulo VI, a alta hierarquia da Igreja instaurou uma série de modificações no culto religioso, como a missa proferida na língua oficial do país e o ministro voltado para os fiéis e não para o altar. Foi a partir desse momento que as discussões em relação ao Celibato Clerical espontâneo se intensificaram, no entanto, a ala conservadora da Igreja apenas reforçou a prática do celibato pelos ministros da igreja ressaltando que: “O celibato consagrado é uma vocação divina manifestada num indivíduo determinado, dotado de estrutura pessoal própria que a graça não costuma violentar.” (ENCÍCLICA DO PAPA PAULO VI, 24/06/1967). Como se pode observar a ala conservadora da Instituição Católica tendo sua maior representação na figura do Papa Paulo VI vinculava o celibato consagrado a manifestação divina, onde poucos eram os escolhidos para tão grande honra de santidade. Assim sendo, não poderiam deturpar o desejo sacro de manter-se celibatário.

As determinações do Concílio Vaticano II sobre as normas da igreja e dos seminários, gerou uma profunda “crise nos sacerdotes” e muitos passaram a defender a liberalização do casamento para padres. O auge desse movimento aqui no Brasil será entre os anos de 1966 a 1970 onde clérigos e leigos de todo o mundo lutaram juntos pela não obrigatoriedade do celibato¹. O celibato é quebrado quando o padre se casa, mas não necessariamente quando este tem relações sexuais e isso tem sido alvo de muitas críticas principalmente dos cristãos protestantes. Afirma Emir Calluf (1984, p.24) padre casado e crítico do celibato consagrado, que: Pior do que o estupro é a violência sexual cometida pelo celibato. Aquele violenta o corpo, sem, contudo derrubar a vontade. Este primeiro derruba a vontade, para depois violentar o corpo. Aquele traumatiza sexualmente a vítima, de modo que vem a abominar o estuprador; este deturpa de tal forma a personalidade, que o estupro ainda beija a mão do carrasco.

As críticas de Calluf são profundas, ele vincula o celibato consagrado ao estupro sendo que a imposição do hábito celibatário se torna muitas vezes pior que a violência sexual, pois, a preparação para o celibato se dá de forma severa, deturpando o significado afetivo do sexo e traumatizando o indivíduo de forma que venha a abominá-lo. Ainda afirma que o celibato e seus praticantes são essencialmente hipócritas uma vez que fingem que são o que não podem ser. Andam de mãos dadas celibato e hipocrisia. Pois hipócrita é aquele que finge que é o que não é; ou o que não é o que é. Ora, o célibe vive fingindo que não é homem. Quando o é, e que é homem, quando não o é (1987, p.17). Analisando as críticas de Calluf, podemos perceber que sua fala é de desabafo, ressentimento e ódio à Instituição a qual pertencia, além disso, ele vincula o celibato somente ao fato de não poder exercer sua genitalidade livremente e aponta o homossexualismo sacerdotal como resultado do celibato “o enfeminamento de parte do clero se deve obviamente a algo mais profundo: ao eunuquismo” (IDEM). Os defensores do celibato consagrado afirmam que o celibato é um dom divino tendo em vista que Jesus foi o maior exemplo de celibatário. Sendo assim: “O celibato não é uma questão de lei, é liberdade. É a liberdade maravilhosa, de só depender daquele que eu amo, e de mais ninguém” (AZEVEDO JUNIOR, S/D). Se o celibato é não depender de

¹ Exortação Apostólica Pós-Sinodal sobre a formação dos sacerdotes, 1990.

ninguém, então porque a “crise”? Para o padre Chistian Cochieri (1997, p. 01) as raízes da “crise sacerdotal” brotou com a publicação da Encíclica *Sacerdotalis Caelibatus* pelo Papa Paulo VI, pois as motivações para justificar a disciplina da Igreja latina levantaram numerosas vozes pra criticá-la. Foi como se a Encíclica, contrariamente ao seu objetivo, com propósito e com despropósito: “aplaudido pelos meios de comunicação, o matrimônio de muitos sacerdotes revestiu-se de um odor profético e vários teólogos colocaram em questão os fundamentos do celibato”. Essa “crise dos padres” causada pela Encíclica do Papa se deu porque muitos clérigos esperavam que as mudanças ocorridas em alguns setores da Igreja Católica Apostólica Romana se estendessem à vida presbiterial, entretanto o Papa Paulo VI foi firme em sua decisão de manter o celibato obrigatório aos clérigos revelando que a dedicação ao culto católico deveria ser total e exclusiva, assim sendo:

[...] a lei vigente do celibato consagrado deve, ainda hoje, acompanhar firmemente o ministério eclesiástico; deve tornar possível ao ministro a sua escolha, exclusiva, perene e total, do amor único e supremo de cristo a sua dedicação ao culto de Deus e ao serviço da igreja, e deve ser característica do seu estado de vida. (ENCÍCLICA PAPA PAULO VI, 24/06/1967)

METODOLOGIA

Os passos que me enveredaram nessa pesquisa foram longos e difíceis. No início, como todo pesquisador, não sabia exatamente o que fazer e por quais caminhos percorrer, a única coisa certa é que tinha o intuito de investigar a fragilidade do celibato obrigatório no clero. Essa exatidão que tinha no início se deve a proximidade que tinha com alguns seminaristas do Seminário São José do Crato e aos casos amorosos de padres que tomava conhecimento. O que me inquietava era o porquê da obrigatoriedade, se muitos não seguiam a castidade do celibato, ou seja, permaneciam celibatários, mas mantinham relacionamentos amorosos. Comecei como diria Ginzburg (1990) procurando os indícios, farejando os fatos na tentativa de encontrar as fontes que precisava. Confesso que me decepcionei várias vezes pois não encontrava o que tanto almejava. Até que com algumas leituras e reflexões sobre meu objeto decidir direcionar o meu trabalho para a “crise dos padres”. O método utilizado foi o qualitativo-explicativo e as fontes estão referidas a seguir. A pesquisa no arquivo da Cúria Diocesana do Crato e em arquivo particular de propriedade do senhor Humberto Cabral,

jornalista em Crato, me colocou no caminho. As fontes hemerográficas e orais, foram determinantes para caracterizar o momento estudado. As fontes hemerográficas que utilizei localizam-se na Diocese do Crato, mais especificamente, o jornal “A AÇÃO”. O jornal foi fundado em 1938 com o nome de “Boletim de Ação Católica” e tinha como principal objetivo apresentar artigos que centralizasse a moral e a família cristã. Sua impressão era numa gráfica aqui da região também pertencente á Diocese e com o passar do tempo seu nome se reduziu apenas para “A AÇÃO”, no entanto permaneceu sendo divulgado semanalmente só que agora além de assuntos religiosos divulgava também matérias sobre temas diversos e noticiava não só acontecimentos do Cariri mais também de outras regiões. O jornal “A AÇÃO” foi publicado até 1985 e era o jornal Cratense de mais longo alcance.

Os exemplares utilizados são os da década de 60 e ano de 1970, até então disponíveis para a pesquisa. O que me chamou a atenção nas reportagens do “A AÇÃO” é que ao se referir sobre a “crise dos padres” reportam-se apenas para outras regiões, menos para a Diocese do Crato. Uma das reportagens que mais me chamou a atenção foi uma entrevista do padre Paulo Ponte à rádio Educadora e logo depois transcrita pro jornal “A AÇÃO”. O entrevistado era professor do Instituto de Ciências Religiosas de Fortaleza e tinha vindo ao Cariri para ministrar o Encontro do Clero Diocesano do Crato, que tinha como principal assunto debater a origem da “crise dos padres”. Sua fala aos fiéis e clérigos demonstra claramente a opinião do clero conservador. É interessante que o padre Paulo deturpa o verdadeiro motivo da tão falada “crise dos padres”. Segundo ele, esse momento de “crise” pelo qual a igreja e sacerdotes vêm passando se dá devido “ao método da verificação científica, e aos resultados empolgantes da técnica, por esse motivo os padres sentem-se marginalizados pela sociedade”. Ou seja, o padre Paulo culpa a modernidade pela “crise” que está acontecendo. Quando na verdade, muitos afirmam que a “crise dos padres” se iniciou devido a determinação do Papa Paulo VI de manter o celibato obrigatório “a Encíclica do Papa, contrariamente aos seus objetivos gerou uma profunda “crise” sobre o celibato.” Utilizei o jornal “A AÇÃO” para analisar os discursos da Igreja Católica sobre a “crise dos padres” e que mecanismos utilizou para tranquilizar os fiéis diante da “crise.” Pude observar que sempre ao lado das reportagens sobre essas perturbações do clero, vinha ao lado uma

nota instigando os valores do padre. O nome da coluna é a “**A IMAGEM DO PADRE**” onde explica a relevância do padre na sociedade cristã e apela aos fiéis para auxiliarem na pastoral das vocações “dada a importância do padre como mediação humana [...] será de uma importância capital para a pastoral das vocações”. Ainda utilizei como fonte a carta Encíclica do Papa Paulo VI determinando a obrigatoriedade do celibato pelos ministros da Igreja Católica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A ala conservadora da Igreja Católica tentou reprimir essa “crise”. No período de 16 a 20 de fevereiro de 1970 aconteceu o Encontro Diocesano do Clero que tinha como objetivo debater a origem da “crise dos padres” e defender o celibato obrigatório. Em entrevista à rádio Educadora o padre Paulo Ponte é bastante incisivo quando lhe é perguntado sobre questões referentes ao celibato de forma espontânea e afirma que aquele que é contra ao celibato obrigatório deveria ser desvinculado do cristianismo: [...] “se um padre ou um bispo negasse o valor do celibato, ele estaria indo de encontro à palavra do Cristo e não sei se ele merecia mais o nome de cristão”. (PADRE PAULO PONTE EM ENTREVISTA À RÁDIO EDUCADORA E AO JORNAL “A AÇÃO” EM 21/02/1970). A Diocese do Crato utilizou seus principais meios de comunicação para noticiar a “crise dos padres” seu jornal semanal “A AÇÃO” e a rádio Educadora. O jornal “A AÇÃO”, apresentou algumas matérias sobre a “crise dos padres”, entretanto, segundo o jornal, tal crise ocorrera na Europa e em algumas capitais do Brasil. Em nenhum momento o jornal noticiava a “crise dos padres” na cidade do Crato, pelo contrário, ao lado de cada matéria sobre tal “crise” vem sempre uma coluna instigando a imagem do padre e esclarecendo as possíveis saídas do ministério por parte de alguns clérigos de determinadas regiões com a finalidade de informar a população católica que é necessário intensificar a pastoral das vocações:

É indispensável que uma justa informação seja fornecida sobre as situações de saída dos ministérios por parte dos padres a fim de ratificar certos dados, às vezes errados, e de permitir uma pastoral mais esclarecida das vocações².

Mas será que de fato a “crise dos padres” não aconteceu na cidade do Crato? Então porque motivo houve o Encontro Diocesano para discutirem tal “crise”? E porque o ministrante do Encontro Diocesano, o Padre Paulo Ponte professor do Instituto de Ciências Religiosas de Fortaleza, se contradisse tanto em relação ao verdadeiro motivo da “crise dos padres”? Reportando-se mais uma vez à sua entrevista à rádio Educadora o padre é bastante enfático sobre a “crise dos padres” afirmando que seu verdadeiro motivo é a modernidade e as novas tecnologias que o homem moderno está se adaptando, esquecendo assim das coisas de Deus e discriminando o padre, que antes era figura central para sensibilizar seus corações:

[...] O homem moderno [...] perde um pouco do interesse pela realidade transcendente do Reino de Deus. Por esse motivo, os padres que tem por missão sensibilizar os homens à sua vocação transcendente percebem que a sua mensagem não desperta mais tanto interesse entre os homens. Daí pouco a pouco, eles (sic) sentem-se marginalizados, sem muita vez, sem muita influência numa sociedade que tende a se contentar com os êxitos e atos desta vida que passa. (PADRE PAULO, IDEM).

Através da análise da entrevista do Padre Paulo Ponte à rádio Educadora, pode-se perceber a intenção da Diocese do Crato em reprimir ou maquiar a “crise dos padres” em seu território, ao afirmar que aquele que “negar o valor do celibato não mereceria mais o nome de cristão”. Neste sentido, a Diocese Cratense confirma seu posicionamento acerca da manutenção do Celibato Consagrado Obrigatório para os ministros da Igreja. Ou seja, são contrários à implantação do Celibato de forma espontânea, opcional. É interessante ainda observar, nas palavras do padre Paulo Ponte, expostas acima, sobre o motivo desta “crise dos padres” que segundo ele, era a modernidade a grande causadora da tristeza e da solidão dos padres gerando assim essa “crise”. No entanto, sabe-se através de outras fontes (bibliográficas e entrevistas publicadas) que o verdadeiro motivo para que a “crise dos padres” se alastrasse na Instituição Católica foi a Encíclica do Papa Paulo VI *Sacerdotalis Caelibatus*,

² JORNAL A AÇÃO”, 24/01/1970.

reafirmando a obrigatoriedade do Celibato Consagrado. As reportagens do jornal “A AÇÃO”, analisadas até o momento, dão profunda ênfase a importância da manutenção do Celibato obrigatório e à santidade de seus clérigos afastando assim, qualquer suspeita de desvios do Celibato. O que prova que a intenção da Diocese do Crato diante dessa “crise” era repassar aos seus fiéis e sacerdotes que o Cariri é um solo santo e que seus clérigos não tiveram sua santidade manchada. A década de 1960 foi de extrema importância para a Igreja católica Apostólica Romana tendo em vista as mudanças ocorridas em seu interior pelo Concílio Ecumênico Vaticano II. As normas do Concílio “modernizaram” algumas praticas da Igreja e reacendeu o desejo de não obrigatoriedade do Celibato que há tempos adormecia. Entretanto, para decepção da ala liberal do clero capitaneada pelo Papa João XXIII, que ao falecer a 03 de junho de 1963, deixa uma vacância em torno da modernização efetiva da Igreja Católica, pois seu maior objetivo era que a Igreja mudasse de mentalidade, para poder melhor enfrentar e acompanhar as transformações do mundo moderno. Tal intento foi “amortecido” pela Encíclica Papal de Paulo VI, que reafirmou o celibato consagrado gerando uma profunda “crise” nos sacerdotes.

A “crise dos padres” provocou um grande número de perdas para a Igreja Católica Apostólica Romana, houve uma verdadeira “fuga dos padres”, que diante das mudanças ocorridas na sociedade se enveredaram pelos caminhos da modernidade e abandonaram a batina para casarem-se ou então para permanecerem solteiros, mas desvinculados da Instituição. Na tentativa de sair da crise foi realizado vários Sínodos para discutir o problema, sendo o Sínodo de 1990 um dos mais importantes por esclarecer mais abertamente o verdadeiro motivo da “crise sacerdotal” e por afirmar que a Igreja deveria receber também em seus Seminários, homens que já tivessem experiências afetivas sexuais. Para o Padre Lourenço Kearns (2004, p.22),

“a formação sobre o voto de castidade mudou, não tanto porque a vida religiosa quis descartar seu modelo tradicional, mas porque, o próprio candidato a vida consagrada e aos sinais dos tempos mudaram”.

Enquanto o mundo católico presenciava a “crise dos padres”, a Diocese do Crato através do jornal “A AÇÃO” apresentava uma coluna demonstrando o valor e a imagem do padre enfatizando ser o pároco indispensável para as vocações cristãs e exortando os

fiéis para colaborarem com a alta hierarquia do clero cratense a fim de obstruir o desencanto da vida sacerdotal nos corações de determinados clérigos de outras regiões. “Dado a importância à vida concreta dos padres como mediação humana do apelo ao sacerdócio, tudo que ajudará a superar o desencanto semeado do clero de certas regiões será de uma importância capital para a pastoral das vocações” (JORNAL A AÇÃO, 17/01/1970). Observe-se que na nota da Diocese do Crato fica claro que tal “crise dos padres” se dar em outras regiões, menos no Crato. Esse receio de identificar a “crise dos padres” no Crato como forma de proteger o seu clero é o que Chartier (1990) denomina de lutas de representação, sendo que, para compreender os mecanismos pelos quais um determinado grupo impõe ou tenta impor, a sua concepção de mundo social é necessário ir além investigando seus domínios, suas intenções. Fica claro que a intenção da Diocese do Crato era apresentar-se como especial entre as demais por ter conseguido através de seu trabalho pastoral, tendo como auxílio seus principais meios de comunicação o jornal “A AÇÃO” e a rádio Educadora, suprimir a “crise dos padres” e assim sendo se sobressai sob as demais regiões com o título de solo sagrado do Cariri.

A igreja Católica no Cariri através da Diocese do Crato se impõe como lugar de produção dos discursos reafirmando a vogabilidade da Encíclica Papal sobre a manutenção do celibato clerical. Dessa forma elabora estratégias para legitimar seus discursos como a promoção de um Encontro Diocesano para discutirem a “crise dos padres” tendo como palestrante principal o padre e professor do Instituto de Ciências Religiosas de Fortaleza, o senhor Paulo Ponte. Um ministrante do Instituto de Fortaleza deu mais status, mais autonomia ao encontro e aos assuntos discutidos. O discurso da ala conservadora da Igreja católica no Cariri é bastante explícito quanto à “crise dos padres” e as discussões em torno do Celibato de forma espontânea. Certeau (1988, p. 100) nos diz que o consumo do discurso muitas vezes é uma tática contra o próprio discurso. O autor ainda conceitua tática como “a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio”. Dessa forma as reportagens no jornal “A AÇÃO” e os programas de rádio da Educadora, que serviram como canais de divulgação do discurso elaborado pela Diocese Cratense, foram uma ação calculada para legitimar as determinações da Encíclica Papal, foi uma forma de fazê-lo presente mesmo estando ausente. Representar o sagrado é o que possivelmente almejavam a hierarquia do Clero

Cratense ao tentar afastar de seus domínios a “crise dos padres”. Para Chatier (1990), o conceito de representação é ver uma coisa ausente, como foi abordado anteriormente, é fazer um determinado poder, pessoa ou instituição estar presente mesmo na sua ausência. Sendo que as percepções desse campo social não são neutras, pois produzem estratégias e táticas para maquiarem a realidade e reconstruí-la conforme seus interesses. Assim, a Diocese Cratense utilizou dos discursos para amenizar em seu território a tal “crise dos padres”, para isso se apropriou de suas principais armas: os meios de comunicação. Sua intenção, segundo as fontes analisadas, foi construir uma realidade de acordo com seus interesses para atingir não só a católicos ou a sacerdotes, mas a um público mais heterogêneo tendo em vista que o jornal e principalmente o rádio tem um poder de grande alcance. A apropriação pensada por Chartier (1990) tem por objetivo retratar essas interpretações no que concerne as suas determinações sociais institucionais e culturais inscritas nas práticas que as produzem.

A produção do discurso elaborado pela Diocese do Crato sobre a “crise dos padres” construiu na memória da sociedade Cratense um conceito sobre a tal “crise” conforme seus interesses apresentando seu clero como inativos no movimento para introdução do celibato opcional e não pertencentes a essa “crise” que se espalhava no clero de outras regiões. Diferentemente das demais, a Diocese do Crato permanecia intocável aos olhos do público no que concerne aos desvios do clero, mantendo assim a pureza de sua santidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ginzburg compara uma pesquisa como um fios de um tapete onde um vai se unindo ao outro até formar uma única peça. Os fios dessa pesquisa compõem um grande novelo que aos poucos está se configurando na face dos acontecimentos da Igreja Católica do Crato em fins do século XX. O impulso por analisar a “Crise dos padres” na cidade do Crato se deu a partir do momento que me interessei em estudar um pouco mais sobre religiosidade. Diferentemente dos demais pesquisadores que analisam o Cariri cearense e se detém aos fenômenos religiosos ligados ao Padre Cícero, preferi me deter em investigar o cotidiano do Clero, em especial, a obrigatoriedade do celibato

clerical. A “Crise dos padres” na cidade do Crato entre 1960 e 1980 é vista por muitos clérigos tradicionais como inexistente, no entanto, as fontes revelam uma outra “verdade”. Analisar esse não pertencimento do Clero do Crato em um momento de crise da Igreja Católica é um grande desafio. Investigar os fatos sociais e identificar verdades mesmo que momentâneas são algumas atribuições das Ciências Humanas. Uma pesquisa é sempre um desafio mas é também uma grande recompensa quando ao término se consegue identificar protagonistas de eventos que perpassaram as normas estabelecidas e através de táticas para sobreviverem no cotidiano reinventaram suas maneiras de ser e fizeram um novo caminho diante da História de suas vidas.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO JUNIOR, Padre Paulo Ricardo de. S/D. Mimeografado.
- COCHIERI, Christian. Sacrum Ministerium, n. 02, 1997. P. 01.
- CALLUF, Emir: **Reflexões incômodas sobre o celibato dos padres**. Record: Rio de Janeiro, 1984.
- CHARTIER, Roger: **A História Cultural: entre práticas e representações**. Difel: Lisboa, 1990.
- CERTEAU, Michel de: **A Invenção do cotidiano: artes de fazer**. Vozes: Petrópolis, 1998. v. 1.
- ENCÍCLICA do Papa Paulo VI, 24/06/1967.
- GINZBURG, Carlo: **Mitos emblemas e Sinais**. Ed. Cia das Letras. São Paulo, 1990.
- JORNAL A AÇÃO. 17/01/1970
- KEARNS, Lourenço: **Teologia do Voto de Castidade**. Ed. Santuário. São Paulo, 2004.
- REVISTA Ultimato. Julho de 2005.